

## O CENTRO DÊITICO E A COMPREENSÃO DO TEXTO NARRATIVO

Zélia Xavier dos Santos PEGADO  
Universidade Potiguar  
[zeliaxavier@supercabo.com.br](mailto:zeliaxavier@supercabo.com.br)

**Resumo:** Este trabalho tem como objetivo investigar os processos cognitivos subjacentes ao momento de leitura do texto narrativo. Para tanto, traremos para discussão a fundamentação teórica de Rapaport, que postula que o CD é um modelo mental de informação a respeito do personagem, do tempo e do espaço utilizado pelo leitor que contribui para o processo de compreensão da narrativa, e de Fauconnier, com a teoria dos espaços mentais, para quem esses espaços são pequenos conjuntos de memórias de trabalho que acionamos na medida em que o discurso é estendido ajudando a construir o significado.

**Palavras-chave:** Narrativa; Centro Dêitico; Compreensão.

### 1 Introdução

Examinando os centros dêiticos nas narrativas sob o prisma da cognição, analisando os mecanismos, estruturas processos envolvidos na compreensão do texto, percebemos que compreender os processos cognitivos subjacentes ao evento narrativo é considerá-los muito mais que sequências de frases e palavras organizadas sistematicamente. É tomá-los como forma de representação mental acerca do tempo, espaço e do personagem relacionando-os às experiências humanas vivificadas por nós mesmos e com o mundo que nos rodeia. Para isso, criamos modelos de situação das pessoas, objetos, locais, eventos e ações descritos no texto, assumimos o meio da narrativa e experienciamos as situações nela delineadas.

A narrativa é um forma básica na compreensão humana para entendimento das situações que nos circundam. A partir de construtos distintos de estruturas linguísticas, com orientações fornecidas pelas expressões linguísticas no texto, construímos os espaços mentais Fauconnier (1994), para quem esses espaços são pequenos conjuntos de memórias de trabalho que acionamos na medida em que o discurso é estendido ajudando a construir o significado.

### 2 A narração e a contribuição dos processos cognitivos para compreensão do texto narrativo

Utilizada desde a antiguidade, a narrativa consiste na forma de expressar e representar os fatos não só vividos e experienciados por alguém, como também imaginados ou idealizados, que postos numa sequência descrevem eventos envolvendo personagem, tempo e espaço. Assim, podemos dizer que a narrativa existiu desde sempre, na criação do mundo e para sua criação.

No entanto, o estudo da narrativa ganha força na tradição ocidental com Platão e Aristóteles quando discutem o modo de narrar e a representação real na construção mental (pela mimesis – imitação da ação) dos fatos repercutidos sobre os ouvintes e/ou leitores.

Ao tratar da mimesis, Platão atenta para os perigos na forma de representar o mundo. Para ele, há uma impossibilidade de se retratar o mundo de forma fiel. A habilidade de reprodução autêntica só seria possível a um deus, jamais ao homem, a um mortal. Como conseguir retratar o interior de uma pessoa com todo caráter, ternura, calor e movimento? Fundamentado nesse questionamento, o filósofo afirma que o que conseguimos narrar é uma representação sensível do que vivemos, ou seja, uma imitação do mundo das ideias. Para o autor,<sup>1</sup>

Três são os criadores, três as realidades criadas, terceira, que se inspira na realidade isto é: deus, o artesão e o artista: deus é o autor da primeira realidade (o arquétipo); o artesão, autor da segunda, que se inspira no arquétipo, e, o artista, autor da criada pelo artesão.

Dessa forma, no dizer do autor o que vemos ou o que representamos não é de fato o real, a forma perfeita, uma vez que o que é produzido pelo artesão é uma cópia aproximada, uma sombra da ideia do que existe no mundo inteligível (real). Assim, a cópia imitada pelo artista é uma cópia da cópia do original, por isso, considera essa imitação perigosa.

Por outro lado, Aristóteles em sua obra “Arte poética” evidencia a importância da mimesis quando expõe que é intrínseca ao homem a tendência para a imitação, que por meio desta, desde a infância, temos a capacidade de construir nossos primeiros conhecimentos. Nesse aspecto, a imitação não é uma cópia aparente do mundo, mas representação de fatos e expressões do cotidiano.

Nessa mesma obra, Aristóteles observa duas grandes divisões nos modos de imitar: o modo de imitar por meio da narrativa e o modo de imitar por meio de atores, sendo assim, a epopeia, como a arte da narrativa; a tragédia e a comédia, que representam as artes dramáticas.

Como a imitação se aplica aos atos das personagens e estas não podem ser senão boas ou ruins (pois os caracteres dispõem-se quase nestas duas categorias apenas, diferindo só pela prática do vício ou da virtude), daí resulta que as personagens são representadas melhores, piores ou iguais a todos nós (Aristóteles, 1998, II, 1).

Dessa forma, ao organizar a narrativa, o poeta/escritor deve proceder como se os acontecimentos, elocução das personagens, ou a narração dos acontecimentos decorressem diante de seus olhos, não deixando escapar nenhum pormenor contrário ao efeito que pretende produzir.

Na obra *Arte poética*, Aristóteles faz um estudo minucioso e profundo no modo de imitar a vida por meio da epopeia, da comédia e da tragédia, o que nos possibilita o entendimento da narrativa, a compreensão do comportamento do homem no meio social e constatar que a mimesis é a imitação da vida humana esboçada nas diversas narrativas.

Alavancando da era clássica, a narrativa aporta na contemporaneidade, na área de estudos e investigações linguísticas. Sua compreensão, seja em narrativa real ou fictícia, é tratada como um processo cognitivo de usuários da linguagem.

---

<sup>1</sup> Rep., Livro. X.

Nessa perspectiva, os estudos cognitivos desenvolvidos ao longo do século XX se voltam para uma abordagem na qual tratam a linguagem como instrumento cognitivo e surge a Linguística Cognitiva que estreita os laços entre a cultura, a linguagem e a cognição, de forma que os caminhos que postula entre linguagem e conhecimento estão indissociavelmente integrados na codificação linguística, na compreensão, nas experiências sociais e nos usos que delas fazem seus falantes nas interações comunicativas.

### 3 Contexto da pesquisa

Nesta seção, vamos descrever os procedimentos metodológicos empregados na condução da pesquisa, na qual buscamos investigar os processos cognitivos, restringidos ao estudo dos centros dêiticos subjacentes ao momento de leitura de um texto narrativo. Para discutir o que fora exposto, analisamos algumas construções de sentido decorrentes de estruturas de eventos no processamento cognitivo na narrativa.

Tivemos como informantes da pesquisa alunos do 8º ano, do Ensino Fundamental, na faixa etária entre doze e treze anos.

Para formação do *corpus* da pesquisa, selecionamos uma amostra de textos, em que os alunos deram continuidade a uma narrativa ficcional, a produção de páginas de diário. Para execução desta tarefa, foram aplicados os procedimentos motivadores para a posterior produção, a saber: a) atividade do livro didático com investigação bibliográfica acerca do gênero *diário* e produção de texto (continuação de uma atividade diarística); b) aula expositivo-explicativa com projeção de slides, cujo motivo era estudar a estrutura do gênero em foco; c) aula introdutória com entrega e explicação do roteiro de atividades; e d) aulas práticas (oficina de produção textual) – no total de quatro – para a realização de tarefas, que resultou na produção dos seus textos. Essa produção textual, após seleção, constitui o nosso *corpus* de análise.

Para produção dos textos, tomamos como ponto de partida um texto-base, com situação criada para tal atividade, cuja proposta apresentava o drama de dois adolescentes que, com a transferência de seu pai, enfrentariam grandes mudanças: novas amizades, domínio do medo e da insegurança no novo país onde iriam morar. Para essa produção, foi sugerido aos alunos que produzissem páginas de um diário, cujo(a) narrador(a) fosse “Paola” ou “Liuzzi”, personagens da ficção narrativa. Nelas, o(a) narrador(a) relataria seus sentimentos, suas ações, emoções, seus pensamentos e planos para a nova vida. Confira a seguir a narrativa do texto-base.

*O pai de Paola era gerente financeiro de uma empresa multinacional de peças automobilísticas na Itália. Afamado por sua excelente competência administrativa e por falar muito bem português, pois sua esposa era brasileira, foi selecionado para gerenciar uma filial no Brasil. Esta não estava correspondendo aos anseios econômicos da matriz. Naquele momento, aquela transferência foi o pior acontecimento para Paola e seu irmão Liuzzi. Paola, com 14 anos, vivia seus melhores dias de adolescente junto a seus amigos, Sofia, Alicia e Maldini, o deus grego que acabava de surgir em seu caminho. Liuzzi, 13 anos, buscando preencher o vazio que sentia pela ausência dos pais e pelo isolamento causado pela falta de diálogo em casa, encontrava no esporte e nos amigos, Baresi, Valentino e Giancarlo, o*

*suporte afetivo de que tanto precisava. Naqueles dias, vivia um momento de glória pelo bom desempenho no voleibol, passando a ser titular e capitão do time. Para esses adolescentes, deixar seu país, seus amigos e suas conquistas, e aventurar-se nessa nova vida era um grande e temível desafio. Suas vidas passariam por adaptações e modificações e também conflitos e revoltas. Contudo, inimagináveis surpresas iriam acontecer, afinal, começariam no Brasil um novo convívio, uma nova vida.*

Depois da leitura do texto-base e das orientações encaminhadas, centrados na perspectiva cognitiva, depois da leitura do texto-base e das orientações encaminhadas, apresentamos quatro situações para a elaboração de textos, descritas nas propostas dos passos metodológicos de produção textual, que foram trabalhadas durante quatro semanas, sendo uma atividade semanal. As propostas apresentavam os seguintes comandos, trabalhados respectivamente:

**Página 1** – Nesta página, o(a) adolescente relata como se sentiu ao receber a notícia da nova morada.

**Página 2** – Aqui, o(a) adolescente conta como foi difícil despedir-se de seus amigos e deixa claro que aquela mudança inesperada alterara seus planos/projetos.

**Página 3** – Nesta página, o(a) adolescente conta como foram as suas primeiras semanas no Brasil, numa cidade no interior de São Paulo, as pessoas, as paisagens, o país.

**Página 4** – Nesta página, o(a) adolescente relata como foram seus primeiros dias na escola. Os novos colegas, os professores, as aulas, as experiências.

Para análise do processo de compreensão da narrativa, focamos o estudo na perspectiva compreendedora do aluno para dar continuidade a narrativa, pois acreditamos que o texto seria de fácil compreensão e, uma vez acionados os processos cognitivos para compreensão da narrativa e criação de novos eventos, os alunos dariam continuidade sem dificuldades.

Vimos que situações como: o que é ser *gerente financeiro de uma empresa multinacional de peças automobilísticas, como é morar na Itália, o que é estar na melhor fase da adolescência, o que é ter amigos ou como é deixar amigos, deixar seu país e ir morar no Brasil* criariam expectativas e esquemas mentais que no decorrer das narrativas seriam reveladas.

No processo de leitura e compreensão do texto base, os futuros autores dos textos construiriam modelos de situação adotando a posição dos personagens e vicariamente as experienciariam. Isso significa dizer que os autores dos textos assumiriam o lugar do personagem, ou seja, iriam rir, chorar, sentirem-se alegres ou tristes, visto que se colocariam nas ações e nos acontecimentos descritos nas produções textuais. Dessa forma, a narrativa criada pelos alunos evidenciaria o envolvimento e a transferência das experiências humanas. Com isso, reiteramos que as representações mentais acerca do personagem, do tempo, e do espaço estão cognitivamente relacionadas às experiências humanas, visto que vivemos numa dimensão tridimensional em que pessoas, lugares, situações determinam nossas vidas.

Na seção a seguir, detalharemos alguns dispositivos dos centros dêiticos que fornecem pistas contextuais que constroem, localizam e modificam os personagens, o espaço e o tempo da narrativa permitindo a compreensão e a relação entre as informações dadas, além de possibilitar fazer inferência, construir a estrutura da narrativa, inferir relações temporais, espaciais. Para Rapaport *et all* (1994), é importante considerar que o conhecimento é representado mentalmente pelo leitor quando lê uma história e como esse conhecimento é extraído das sentenças.

#### **4 A relação dêitica entre personagem, espaço e tempo no evento narrativo**

Antes de estabelecermos a relação dêitica entre personagem, espaço e tempo é importante que elucidemos acerca da dêixis e os termos dêiticos.

A dêixis é compreendida como uma situação referencial realizada num ato enunciativo no qual um enunciado é produzido e definido pela sua relação com locutor. Dessa forma, de acordo com Lyons (*apud* RAPAPORT *et all*, 1994), a dêixis e os termos dêiticos apontam e remetem a determinados elementos que indicam localização e identificação pessoal (eu, tu/você), espacial (aqui, ali) e temporal (gora, ontem) de objetos, pessoas, eventos e atividades construídas a partir da posição do corpo do locutor, que servem como um guia no processo de compreensão leitora.

Além dos pronomes pessoais e demonstrativos, e dos recursos que se relacionam com declarações de espaço e tempo, também estão inclusos como termos dêiticos os verbos “vir”, “ir”, “trazer” “buscar”, “deixar” que quando usados em diálogos face a face seus significados dependem do contexto espaço-temporal coordenado no ato da enunciação. Essas coordenadas originam o que chamamos de *centro dêitico*, que consiste na origem de lugar (“vir” e “ir”), de tempo (“agora” e “depois”), e de pessoa (“eu” e “você”). Chamados de origem de lugar o *onde*, de origem de tempo *quando* e de origem de pessoa *quem*.

O estudo com narrativas leva-nos a presumir que as pessoas existem, movimentam-se e interagem nos ambientes e, conseqüentemente, situações são criadas e modeladas a partir dessas experiências, os chamados modelos de situação, que constroem as representações mentais e, conseqüentemente, facilitam a compreensão da narrativa.

Como vamos examinar os processos cognitivos de compreendedores subjacentes ao momento de leitura de um texto base para produção de narrativas de ficção, propomo-nos analisar como os produtores dos textos constituem os centros dêiticos. Essa constatação, observamos nas produções dos alunos como em

(1) Roma, 05 de janeiro de 1975

*Querido diário,*

*Hoje foi um dos piores dias da minha vida ... não sei nem como começar a falar o que houve... Bom, hoje cedo eu e meu irmão Liuzzi ainda estávamos na mesa quando escutamos alguém batendo na porta, era o carteiro, meu pai foi lá e recebeu um envelope, quando olhamos sua expressão, percebemos que não era uma boa coisa... Logo que mamãe percebeu que se tratava de um assunto delicado, pediu que nós subíssemos para o quarto. Porém, devo admitir que eu fiquei bastante curiosa para saber o que tinha escrito naquela carta.*

*(...)*

*Boa noite*

*Paola*

O texto foi produzido a partir de uma informação no texto base, a transferência do pai para o Brasil. Para dar continuidade ao texto, a aluna aciona esquemas mentais de situações familiares, construção espacial e vicariamente contextualiza-os nessas situações gerando um espaço na narrativa recriado a partir da realidade, ou fantasia, de forma que o espaço passa a ser fator determinante na história.

Embora saibamos que os centros dêiticos ocorrem em narrativas em terceira pessoa, vemos aqui que a aluna constrói um centro dêitico no qual ela se torna o *quem* da narrativa situado no lugar, o *espaço*, focando a atenção do leitor para o personagem e a localização espacial. Dizer que o personagem é o centro dêitico da narrativa é considerá-lo como entidade psicológica, cognitivamente ativa.

Sabemos que ao ler um texto, a maioria dos leitores sente que está no meio da história e as experimentam. No caso das narrativas produzidas pelos alunos, eles construíram representações mentais do próprio texto e fizeram de suas narrativas um relato experiencial.

#### 4.1 Personagem (o quem)

Rapaport (1994) sugere que os leitores reconhecem quatro tipos de entidades psicológicas em uma narrativa – o *quem* focal, o *quem* não focal, o *quem* focalizador e o *quem* narrador, os quais diferem de acordo com a forma como o centro dêitico é construído e manipulado, fornecendo ou não perspectiva subjetiva para que o leitor compreenda a narrativa.

Para o *quem* focal, o autor atribui que é uma entidade psicológica que captura o centro dêitico e indica sua coordenada espacial, temporal e psicológica, podendo ou não o leitor ter informações sobre os estados internos do personagem. No exemplo (2) a seguir dizemos que o “eu” é focal, pois mostra o caráter particular e subjetivo do personagem no qual está centrado, do mesmo modo em (3), dizemos que a entidade psicológica “meu pai” é focal porque está topicalizada no texto, portanto, também captura o centro dêitico.

(2) *Porém, devo admitir que eu fiquei bastante curiosa para saber o que tinha escrito naquela carta.*

(3) *meu pai foi lá e recebeu um envelope*

O *quem* não focal é uma entidade psicológica que é mencionada, mas não desloca o centro dêitico para ele. No fragmento a seguir, a citação de “o carteiro” não muda o foco do *quem*. Isso significa dizer que o leitor não tem acesso ao mundo subjetivo do personagem não focal.

(4) *Bom, hoje cedo eu e meu irmão Liuzzi ainda estávamos na mesa quando escutamos alguém batendo na porta, era o carteiro, (...)*

O *quem* focalizador endereça uma perspectiva subjetiva expressa por vivências de um personagem no evento narrativo. Essas vivências podem ser perceptuais, cognitivas ou cinestésicas, podendo representar pensamentos, sentimentos, sons, visões ou desejos inconscientes experienciados pelo *quem* focalizador. O *quem* focalizador é uma entidade psicológica cujo processo experiencial topicaliza outras entidades e eventos na história do mundo, mediados pela experiência de um de um personagem, já o *quem* focal é uma entidade que é topicalizada no texto.

(5) *(...) meu pai foi lá e recebeu um envelope, quando olhamos sua expressão, percebemos que não era uma boa coisa... Logo que mamãe percebeu que se tratava de um assunto delicado, pediu que nós subíssemos para o quarto.*

No exemplo destacado, o personagem (Paola) assume a posição do *quem* focalizador visto que suas observações acerca dos pais revelavam a expressão do pai ao ler o conteúdo do envelope e a atitude da mãe em pedir que os filhos deixassem o ambiente em que se encontravam. Nessa perspectiva, os pais assumem a personalidade do *quem* focalizado pela filha.

Nem sempre temos em uma narrativa o *quem* focalizador. Só o temos quando os eventos narrativos são mediados pela experiência de um personagem. Nesse caso, o leitor deve construir e manter uma mediação na perspectiva subjetiva, até que haja uma mudança dêitica em que os elementos da narrativa sinalizem que a perspectiva mediada não é mais operativa.

Em algumas situações podemos ter casos em que um personagem reflete sobre sua própria experiência, neste caso o *quem* focal e o *quem* focalizador são correferenciais. É o caso em

(6) *Hoje foi um dos piores dias da minha vida ... não sei nem como começar a falar o que houve...*

Já o *quem* narrador é uma entidade psicológica que conta a história cujas ações estão restritas a narrar ou escrever. Embora requeiram que o leitor construa uma perspectiva de mediação subjetiva para compreensão da narrativa, o *quem* narrador e o *quem* focalizador diferem, visto que este é um personagem experimentando um relato em si mesmo, não um contador de histórias.

Para compreender os processos psicológicos, é importante que o compreendedor reconheça as entidades psicológicas envolvidas na narrativa bem como as mudanças ocorridas no evento.

## 4.2 Espaço (o onde)

Em se tratando de **espaço**, quanto mais amplo for o conhecimento da distribuição física, tamanho, desenho, plano, exposição, amostra ou figuras num determinado espaço, mais facilmente o compreendedor atualizará o cenário da história e construirá suas representações mentais de acordo com a localização do personagem.

O *onde* indica o lugar no mundo da história a partir do qual o leitor percebe os objetos e eventos descritos, serve como o “aqui” para que o leitor construa um referencial dêitico, ou seja, um lugar no qual o enunciador se encontre ou quando o pressupomos. Esse *aqui* funciona da mesma forma que o *aqui* no mundo real. Conforme já elucidamos anteriormente, continuaremos a analisar como os produtores dos textos constituem os centros dêiticos em suas narrativas.

(7) *Querido Di,*

*Hoje eu fui ao colégio pedir a transferência e avisar aos meus amigos, primeiro falei com Alicia e Sofia quando falei as três caíram no choro elas não queriam que eu fosse embora, alias eu mesma não queria Ø mais não tinha escolha eu não podia ficar tinha que partir com minha família, depois que falei com elas fui<sup>2</sup> conversar com Maldinni cara, fiquei arrasada ele não parecia muito triste com a noticia sabe?<sup>3</sup>*

No fragmento acima, podemos contextualizar a cena no momento em que assumimos o lugar do personagem. O evento ocorre em um lugar “aqui” que embora não haja elucidação direta de o *onde* de origem, inferimos que seja o local da história no qual contém personagens e eventos. Por haver uma proximidade do *aqui* narrativo e o *aqui* real é que facilmente compreendemos as mudanças do centro dêitico. Como a narrativa progride, a história pode deslocar de um local para outro, ou seja, o *onde* pode mudar. É o caso do dispositivo linguístico *ir e ficar* (8) e (10) que indica o *onde* e contribui para sua movimentação na narrativa.

(8) “*eu fui ao colégio*”

(9) “*eu fosse embora*”

(10) “*eu não podia ficar tinha que partir com minha família*”

(11) “*fui conversar com Maldinni*”

Em face às situações ocorridas na narrativa, o uso do verbo *ir* e *ficar* nos dão a representação dos possíveis lugares redefinidos na narrativa para caber no espaço da referência nova. Em 8, o verbo *ir* seguido da preposição *a*, sugere a mudança dêitica do *onde* de origem, ou seja, o lugar da história, a casa do personagem, para o *colégio*. Nessa perspectiva, novos espaços mentais são abertos, novos personagens são ativados, emergindo uma nova situação. Semelhantemente, em 9 e 10 ocorre uma nova contextualização. O *ir* embora não era do colégio, mas do país em que morava a personagem como afirma o mesmo ao dizer que não queria *ir*, marcado pela elipse Ø, e sim *ficar* no país. Em 11, novamente, há uma movimentação do personagem, que deixa o local no qual estava com as amigas e vai encontrasse com o Maldini. Na narrativa, essas mudanças de áreas resultam das movimentações das entidades psicológicas marcadas pelo uso de determinantes definidos e pronominais. Caso o leitor tenha essa perspectiva espacial limitada poderá não compreender as elipses e determinantes definidos que permeiam a passagem narrativa.

#### 4.3 Tempo (o quando)

<sup>2</sup> Grifo nosso

<sup>3</sup> Grifo nosso

Para que possamos compreender a estrutura temporal de uma sequência de eventos descrita nas narrativas, é necessário que façamos uso de um tempo de referência que interaja com os eventos narrativos, construindo a estrutura temporal da história. De acordo com Almeida (1995), esse tempo de referência pode ser entendido como o momento atual da narrativa, o qual é concebido como o ponto *agora* da narrativa e é identificado a partir dos dispositivos linguísticos que se referem ao tempo do próprio ato enunciativo no momento em que o evento ocorre. Esse ponto *agora* funciona dentro da narrativa semelhantemente ao presente “real”, ou seja, o mundo real de forma que tudo que vem antes do ponto *agora* está no passado no mundo da história, e tudo que vem depois é futuro, a partir da expectativa desse momento na história. Com isso, entendemos que mesmo que grande parte dos textos narrativos seja escrita no tempo passado, no decorrer da narrativa o tempo avança.

No processo de compreensão da narrativa há um princípio da inércia dinâmica, eventos que são descritos mais adiante no texto ocorrem depois daqueles que são descritos anteriormente, isto é, um *quando* estável se move para frente com eventos sucessivos na sequência em que são mencionados na narrativa, exceto se houver um dispositivo linguístico que mostre um avanço ou nos informe o contrário (flashback). Clark & Clark 1977 (*apud* RAPAPORT *et al*, 1994), diz que “eventos são inferidos para ocorrer na sequência em que são mencionados, salvo se sinalizados fora de sequência.”<sup>4</sup>

Geralmente as narrativas são relatadas no passado, isso porque na maioria das vezes os eventos da história estão no passado com relação ao tempo da narrativa. Segundo Almeida (1995, p. 171),

A relação entre os acontecimentos da história e do presente de verdade não desempenham nenhum papel na seleção do tempo. Assim, mesmo histórias de ficção científica sobre o (para nós) futuro distante são escritas no pretérito. Porque os eventos da história estão no passado em relação ao narrador (...). As referências ao passado da história são feitas usando o verbo no pretérito perfeito, e as referências para o futuro da história são feitas com o verbo no futuro do pretérito.<sup>5</sup>

A seguir, um novo texto será apresentado para mais uma etapa nos estudos dos mecanismos, estruturas e processo de compreensão da narrativa.

(12) *Compreensivo diário,*

*A dois ou três dias atrás eu já não sabia o que fazer, mais sabia que não havia o que ser feito. O dia de minha partida se aproximava e eu estava cada vez mais angustiada com o dia de minha mudança.*

*Alicia deu a idéia de fazer um “bota fora”, ou seja, uma despedida, mais eu disse a ela que preferia que não houvesse festa, alegando não estar “clima” para festejar alguma coisa.*

---

<sup>4</sup> Events are inferred to occur in the sequence in which they are mentioned unless signaled to be out of sequence.

<sup>5</sup> The relationship between the events of the story and the real present plays no role in tense selection. Thus, even science fiction stories about the (to us) distant future are written in the past tense. Because the events of the story are in the past in with respect to the narrator (...). References to the story past are made using the past perfect tense, and references to the future are made using the future in-the-past tenses.

***Ontem** já estava tudo programado, haveria uma festa surpresa para mim ( que não tão surpresa assim ) mais a festa seria só para os amigos mais íntimos, cerca de 30 à 50 pessoas. Todos festejaríamos **naquela noite**.*

*A festa foi ótima, eu estava super animada e me diverti bastante. Me despedi de todos e chorei bastante e **ao final da festa** lá estava eu sozinha pensando na vida e **após horas**<sup>6</sup> ali sentada eu estava psicologicamente preparada e decidida a mudar minha vida.*

*Beijinhos*

*Paola*

Em relação ao momento do evento, a narrativa acima está predominantemente no passado. As expressões adverbiais de tempo relatadas pelo narrador marcam especificamente as relações temporais dentro do evento, e o ponto *agora* é identificado com o tempo de fala situando-se na perspectiva do momento da narrativa.

(13) “**A dois ou três dias atrás** eu já não sabia o que fazer”,

(14) “**Ontem** já estava tudo programado”,

(15) “**Todos festejaríamos naquela noite**”,

Nos exemplos (13) e (14) acima, as expressões adverbiais estão situadas a partir do ponto *agora*. Em (13), “**A dois ou três dias atrás** eu já não sabia o que fazer”, no momento da fala, o evento já acontecera. A frase vem seguida dos advérbios “atrás” e “já” que indicam que a ação foi realizada, num tempo de referência no passado, antes do tempo de fala. O verbo “sabia”, expressa o passado inacabado, um processo anterior ao momento da fala, mas que durou um tempo no passado, ou ainda, um fato casual. Da mesma forma em (14), com “**ontem**”.

Em (15), “**Todos festejaríamos naquela noite**”, surgem novas relações temporais na sequência narrativa. Temos a expressão adverbial que pontualmente marca o tempo, é a noite daquele dia, e o verbo “festejaríamos”, no futuro do pretérito, que indica que algo aconteceria, atribuindo que o que virá constituirá o futuro, reforçando que as referências para o futuro da história são feitas com o verbo no futuro do pretérito.

Nas situações acima descritas, os dispositivos linguísticos em negrito mostram uma volta (flashback) no momento da história. Essas mudanças forçam o leitor a construir mecanismos para recuperação e a criação de uma situação modelo numa ordem cronológica correspondente ao momento da narrativa.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Após examinar as estruturas de eventos e construções de sentido no processamento cognitivo na narrativa ficcional, no corpus coletado em atividade de sala de aula, partimos para a análise dos centros dêiticos que se localizam no ambiente de discurso.

Feita a análise, identificamos os centros dêiticos e suas mudanças no desdobrar do texto. Pelo contexto, constatamos que o acesso à sua interpretação foi permitido pelas

---

<sup>6</sup> Grifo nosso

projeções mentais entre domínios cognitivos estabelecidos pela vivência, experiência e conhecimento prévio, o que possibilitou que o compreendedor reconhecesse as entidades psicológicas envolvidas na narrativa e as mudanças ocorridas no evento.

Dessa forma, vimos que o conhecimento é representado mentalmente pelo leitor ao ler a história, visto que criam modelos de situação, extraídos a partir de guias do texto, projeta-os nos espaços mentais abertos, constroem representações mentais do próprio texto e fazem de suas narrativas um relato experiencial. Contudo, não podemos esquecer que a compreensão da narrativa e do centro dêitico dá-se pela estrutura da representação e integração da informação na mente do leitor.

Abstract: This paper aims to investigate the cognitive processes underlying the time of reading the narrative text. To this end, we will bring to the theoretical discussion of Rapaport, who postulated that the CD is a mental model of information regarding character, time and space used by the reader who contributes to the process of understanding the narrative, and Fauconnier, with the theory of mental spaces, for whom these spaces are small pieces of work that triggered memories of the extent that the speech is helping to build the extended meaning.

Keywords: Narrative. Deictic Center. Understanding.

## REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Michael J. **Time in Narratives**. in Duchan, Judith F.; Bruder, Gail A.; & Hewitt, Lynne (eds.), *Deixis in Narrative: A Cognitive Science Perspective* (Hillsdale, NJ: Lawrence Erlbaum Associates). (1995). <http://www.cse.buffalo.edu/~rapaport/676/F01/almeida95.pdf>. Acesso em 18 mai 2011.

ARISTÓTELES. **Arte Poética**. Tradução Paulo Costa Galvão. RJ, Ediouro, 1998. <http://www.culturabrasil.org/poetica/artepoeticaaristoteles.htm>. Acesso em 03 mar 2011.

FAUCONNIER, Gilles. **Mappings in Thought and Language**. Cambridge: Cambridge University Press, 1997.

\_\_\_\_\_. **Mental Spaces**. Cambridge: Cambridge University Press, 1994.

PLATÃO. **A República**. Tradução Maria Helena da Rocha Pereira. 2. ed. Lisboa: Calouste Gulbenkian, 1993.

RAPAPORT, William J. et al. **Deictic Centers and the Cognitive Structure of Narrative Comprehension**. Center for Cognitive Science State University of New York at Buffalo, Buffalo, NY 14260 (26 may1994). <http://www.cse.buffalo.edu/~rapaport/Papers/DC.knuf.pdf>. Acesso em 18 mai 2011.

SEGAL, Erwin M. **Deixis in Short Fiction: The contribution of Deictic Shift Theory to Reader Experience of Literary Fiction**. <http://www.cas.biuffelo.edu/classes/psy/segal/2472000/1A93-1>. Acesso em 18 mai 2011.

SEGAL, Erwin; BRUDER, Gail; & DANIELS, Joyce. **Deictic Centers in Narrative Comprehension**, paper presented at Psychonomic Society, San Antonio. 1984

ZWAAN, Rolf A. **Situation models: the mental leap into imagined worlds**. *Current Directions in Psychological Science*, Vol 8, Number 1, February 1999, p 15-18.